

Jogadores de futebol e biografias: uma análise científica

**José Carlos Mosko
Miguel A. de Freitas Jr.**

A razão mais evidente para se ler uma biografia é descobrir detalhes sobre a vida de uma pessoa, ou também sobre a época ou o contexto da sociedade em que ela viveu.

Diferentemente dos estudos acadêmicos que normalmente são destinados para um reduzido número de pesquisadores, a biografia tornou-se um gênero interessante para o mercado literário, embora a sua utilização, como fonte, ainda seja vista com certo receio por pesquisadores. Mayrink exemplifica essa afirmação, quando defende que “a maioria das biografias realizadas parece não satisfazer os pesquisadores, por oscilar entre uma idealização simplista do personagem e falsas polêmicas em torno das pessoas famosas, visando grande vendagem; além disso, muitas se comprazem no anedótico, não no essencial”.¹

A utilização da ficção, da criação e da valorização de heróis, bem como a simplista preocupação estética, presentes na obra literária, fez com que a obra biográfica fosse preterida como fonte de pesquisa, durante algum tempo. Porém, observa-se atualmente um retorno à utilização das biografias em estudos e produções acadêmicas. Borges vai atribuir este retorno à individualidade e a curiosidade fortemente presente na sociedade atual.²

Isso tem levado as Ciências Humanas a produzir conhecimento de forma multidisciplinar, unindo a Sociologia, a História, a Antropologia, a Psicologia e a Literatura. Mas é importante deixar claro que uma das exigências centrais da academia para com a produção intelectual híbrida feita pelo pesquisador é manter o rigor metodológico no trato com as fontes (crítica interna e externa do documento), algo fundamental para estabelecer fronteiras entre a Ciência e a Ficção.

Por isso, quem se munir desse tipo de fonte para o desenvolvimento de um trabalho acadêmico, deve se preocupar em perceber: quem produziu a biografia? A partir de quais fontes? Com quais interesses? Tal análise crítica torna-se fundamental para que não se tome a biografia como uma verdade absoluta a respeito de cada biografado. Pois, segundo Malcolm:

¹ MAYRINK, Geraldo. **O sucesso de vendas das biografias**. In: Revista Veja: São Paulo, 1995. p. 91.

² BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: Pinsky, Carla Bassanezy (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p.215.

Existe uma insegurança epistemológica que assola, a todo momento e em toda parte o leitor de biografias e autobiografias. Numa obra de não-ficção, nunca ficamos conhecendo a verdade do que aconteceu [...] na criação ficcional, o escritor faz um relato fiel do que ocorre em sua imaginação. Devemos sempre aceitar a palavra do romancista, do dramaturgo e do poeta, assim como podemos quase sempre duvidar da palavra do biógrafo, do autobiógrafo, do historiador ou do jornalista.³

O conteúdo presente nas biografias não é menos verdadeiro do que aquele presente nos livros, o que é preciso levar em conta é que cada uma destas fontes apresenta as suas especificidades. Por isso, seria mais prudente falar em verossimilhança, através do qual o autor interpreta o contexto social e o expressa um sistema de representações realizadas, a partir de um determinado tema, que muitas vezes acaba sendo retido na memória (através de mitos) e substituindo a “própria realidade”.⁴

Ao analisar os diferentes autores que trabalham com os estudos biográficos, percebemos que não existe unanimidade sobre as diferentes formas de classificar as biografias que a cada dia tornam-se mais especializadas. Se até décadas atrás somente os grandes heróis eram dignos de ter a sua vida estudada, esta situação foi transformada e passou-se a ter pessoas comuns como objeto de análise.

Um exemplo desta transformação pode ser visualizado no trabalho desenvolvido por Carlo Ginzburg, que com base nos estudos da antropologia cultural e na teoria de Mikail Baktin, propôs o conceito de *Circularidade Cultural*, demonstrando através de um estudo de caso, que as idéias não são produzidas apenas pelas classes dominantes e, então, impostas, de cima para baixo. O discurso pode ser visto como uma forma de distinção social, entre indivíduos de diferentes classes. Entretanto, há um processo de circularidade cultural, através do qual o discurso é recebido e reproduzido pelos diferentes grupos, os quais o fazem a partir das suas condições sociais e culturais.⁵

Não obstante, a atitude de biografar a vida de pessoas comuns não é uma prática usual na literatura brasileira, que tem a sua atenção prioritariamente voltada para as pessoas que foram significativas em suas épocas ou mesmo as estrelas do momento.

Nas obras produzidas sobre a vida de heróis esportivos, o gênero da biografia relata segmentos da história do esporte, a partir da vida de um determinado personagem. Do

³ MALCOLM, Janet. **A mulher calada: Ted Hughes e os limites da biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.183.

⁴ Os historiadores da Nova História Cultural vão conceituar isto como imaginário. Cf. Sandra Jatthy Pesavento, « História & literatura: uma velha-nova história », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Número 6 - 2006, mis en ligne le 28 janvier 2006, référence du 7 mars 2007, disponible sur : <http://nuevomundo.revues.org/document1560.html>.

⁵ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

0067 - José Carlos Mosko

ponto de vista da produção de um conhecimento científico, esse tipo de literatura pode demonstrar qual é o contexto histórico-social apresentado pelo autor sobre os momentos do esporte e da sociedade no país e, principalmente, sobre a visão que se expressa do ídolo investigado, a imagem do atleta, produzida e delineada pela mídia, na época em que este viveu ou vive.

O esporte é um fenômeno cultural de massa e apresenta uma forte identificação nacional na sociedade. Diante dessa realidade, tal fenômeno se torna um significativo objeto de pesquisa, na observação das diversas manifestações culturais, como as relações que emergem entre os personagens mais importantes do esporte em questão e o seu contexto histórico-social.

Deve-se considerar, porém, que, dependendo da data de publicação da obra e do período em que o atleta viveu, esses momentos podem ser mais ou menos remotos, isto é, o autor pode estar, do ponto de vista temporal, mais distante ou mais próximo do vivenciado. Quando alguém escreve uma biografia/autobiografia, a vida passa a ter um sentido que normalmente não apresentava quando os fatos narrados ocorreram, pois existe uma diferença temporal que possibilita ao autor, escrever olhando para o passado.

Algumas vezes as biografias são escritas pelo próprio personagem principal, ou seja, são autobiografias. As biografias e as autobiografias apresentam semelhanças na estrutura estética do texto, como por exemplo: - a visão linear da vida de quem se escreve, o encadeamento cronológico dos fatos, o olhar do escritor voltado para o passado.

Não obstante a principal diferença é que na autobiografia o escritor relata sobre si mesmo, por isso, a escrita é feita em tom de confissão, justificação ou invenção de um novo sentido, ou ainda, da combinação dos três.⁶ Tanto biografias como autobiografias podem ser classificadas de acordo com o estilo da escrita, com os objetivos do autor e a sua visão de mundo.

No intuito de aprofundar a discussão em torno da utilização dessas fontes de pesquisa, as dividimos em: biografias e autobiografias científicas e biografias e autobiografias literárias. Esta divisão foi feita a partir do tipo de narrativa utilizada pelos diferentes biógrafos ao relatar sobre a vida dos seus personagens e/ou da sua própria vida.

⁶ SILVA, Valdete Nunes. **Limites entre o real e o ficcional: uma leitura de *douleur exquise*, de Sophie Calle.** Disponível em http://www.fbpf.org.br/cd2/liste_des_auteurs/s/valdete_nunes_silva.pdf

Para que pudéssemos realizar esta classificação buscamos subsídios em autores considerados clássicos para este tipo de produção literária. São eles Pierre Boudieu⁷ e Philippe Lejudene⁸, os quais forneceram o arcabouço teórico para percebermos os cuidados que devemos tomar quando recorremos a este tipo de documento. Além destes autores o texto produzido por Vany Pacheco Borges⁹ e a dissertação de mestrado de Benito Bisso Schmidt¹⁰, mostraram que não existe uma única fórmula para se escrever biografias e que estes documentos devem ser vistos a partir da relação estabelecida entre o indivíduo e as redes de interdependência.

Os dois grupos de fontes podem ser vistos como interdependentes e não excludentes. Segue o detalhamento sobre cada um:

1) Biografia Literária: neste grupo estão localizados os escritos através dos quais, o autor faz uma descrição da vida do personagem. Normalmente segue-se uma seqüência cronológica (com começo, meio e fim), destacando datas e acontecimentos importantes, porém sem muita preocupação com uma reflexão crítica que envolva o biografado e o contexto social em que ele está inserido. Na grande maioria das vezes, os fatos sociais são apresentados como mera ilustração da história que está sendo contada; o biografado geralmente não apresenta defeitos, quando isto ocorre, ele é visto como resultado das pressões sociais na qual o personagem estava inserido.

Observando duas biografias produzidas por Ruy Castro, *O Anjo Pornográfico*¹¹, que relata sobre a vida de Nelson Rodrigues e *Estrela Solitária*¹², que se refere à vida de Garrincha. Em ambos os livros o autor realiza a sua narrativa a partir de um percurso pré-estabelecido, montado de forma linear e cronológica, a partir de um roteiro pré-estabelecido, seguindo o mesmo padrão clássico de escrita (inicia com a família do biografado, fala da sua vida em ordem cronológica, destacando os acontecimentos significativos durante esta trajetória, até chegar à morte do biografado), buscando levar o leitor a acreditar que o biografado não tinha outra opção para sua vida, senão o fim que ela

⁷ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta De Moraes; AMADO, Janaína (Org.) **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1976.

⁸ LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.

⁹ BORGES, Vany Pacheco. **Grandezas e misérias da biografia**. In: PINSKY, Carla Bassanezy (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006.

¹⁰ SCHMIDT, Benito Bisso. **Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana(1868-1945)**. Porto Alegre, Dissertação de mestrado em História - UFRGS, 1996.

¹¹ CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. Companhia das Letras: São Paulo, 1992.

¹² CASTRO, Ruy. **Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha**. Companhia das Letras: São Paulo, 1995.

teve, ou como o próprio Ruy Castro indica, é uma espécie de *imã demoníaco* que define o destino do personagem.

Na introdução de “O anjo Pornográfico” o autor relata que:

Esta é uma biografia de Nelson Rodrigues, não um estudo crítico. Aqui se encontrará onde, quando, como e porque Nelson escreveu todas as suas peças, romances e crônicas, mas não espere “análises” ou “interpretações” [...] é a espantosa vida de um homem- um escritor a que uma espécie de imã demoníaco (o acaso, o destino, o que for) estava sempre arrastando para uma realidade ainda mais dramática do que a que ele punha no papel [...].

Esta não é uma biografia crítica, no sentido de que quando Nelson escrever, por exemplo *Vestido de Noiva*, irei interromper a história para teorizar sobre o significado profundo dessa peça ou qualquer outra.¹³

Castro deixa claro que a sua preocupação é descrever e não interpretar a vida do biografado. Ao adotar este posicionamento ele não apresenta uma postura de distanciamento, através da qual poderia observar o biografado e realizar uma análise sobre as atitudes e decisões pessoais e/ou políticas por ele tomadas. Verifica-se que a preocupação de Castro não está voltada para os condicionantes que poderiam ter levado o biografado a tomar uma decisão, pois da forma que os fatos são encadeados durante a narrativa, tem-se a impressão que o destino do personagem já havia sido estabelecido antecipadamente.

Na década de 80, Bourdieu estabeleceu uma forte crítica a este tipo de abordagem, a qual ele classificou como “Ilusão biográfica”. Justificando que os pesquisadores que tem este tipo de procedimento desconsideram que o indivíduo apresenta múltiplos papéis sociais, os quais são diretamente influenciados pelo seu *habitus* e pela relativa autonomia dos campos nos quais ele está inserido.¹⁴ Esta mesma crítica é pertinente a autobiografia de Nilton Santos, produzida no livro *Minha bola, minha vida*, onde o autor se coloca no centro da sua narrativa, que é construída de forma linear.¹⁵

Para Bourdieu o grande desafio deste tipo de produção é conseguir trabalhar com uma cronologia de vida que é linear (parece ter uma única direção) e com o percurso da vida que é não linear. Neste sentido, o *habitus* é um conceito central para trabalhar com biografias/autobiografias, pois ele pode ajudar a revelar os sistemas de disposições

¹³ CASTRO, Ruy. Op cit. p. 7.

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: Marieta de Moraes Ferreira; AMADO, Jananina. **Usos e abusos da História oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. Originalmente publicado em *Actes de la Reserche em Sciences Sociales*, 1986.

¹⁵ SANTOS, Nilton. **Minha bola, minha vida**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

socialmente constituídos que auxiliam na tomada de decisão dos agentes sociais.¹⁶ Este tipo de atitude pode auxiliar o pesquisador a identificar as estratégias utilizadas para a busca e/ou manutenção do poder, bem como o grau de autonomia do indivíduo e a sua vulnerabilidade frente às forças que operam em sentido contrário. A riqueza da análise se dá através da percepção das redes sociais com as quais o indivíduo se relaciona.¹⁷

Quando alguém escreve uma biografia/autobiografia, a vida passa a ter um sentido que normalmente não apresentava no momento em que os fatos narrados ocorreram, pois existe uma diferença temporal que possibilita ao autor, escrever olhando para o passado. Em muitos momentos na vida de um indivíduo ele fica sem saber que decisão tomar, e mesmo quando sabe o que fazer a decisão não depende somente dele.

Na biografia escrita por Mario Filho sobre Pelé¹⁸, o autor nos revela que assim como grande parte dos seus contemporâneos, o menino negro tinha o sonho de ser jogador de futebol profissional em um grande clube da capital. Ele buscava alcançar este objetivo para poder ajudar financeiramente a sua família e realizar o sonho do seu pai que devido a uma grave contusão não obteve êxito como jogador de futebol profissional.¹⁹ O fato de Pelé ter sido considerado o melhor jogador do mundo, não foi resultado somente da sua vontade e tão pouco isto havia sido planejado antecipadamente, mostrando que a vida tem uma direção de sentido, mas ela não é algo linear, pois ela é repleta de atividades não planejadas que muitas vezes levam o indivíduo a um voo.

Outros exemplos interessantes sobre biografias de personagens esportivos são as obras escritas sobre Paulo Machado de Carvalho e João Havelange. Ambas foram escritas por jornalistas e auxiliam na compreensão da cultura presente no campo esportivo que, assim como o Brasil, buscava se modernizar. Estas publicações apresentam os mesmos elementos característicos das biografias literárias, na maior parte das vezes as palavras dos entrevistados são utilizadas sem um distanciamento crítico. Como os autores não levam em consideração as possibilidades de esquecimento e a ideologia dos entrevistados, cabe ao pesquisador estabelecer um posicionamento crítico ao utilizar esta documentação.

Pela estrutura dos livros é difícil conseguir precisar quando a escrita é do autor e quando eles estão transcrevendo dados originários das suas fontes de informação, o que demonstra que isto não é preocupação metodológica destes autores, pois para sanar este

¹⁶ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998c.

¹⁷ BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1987c.

¹⁸ RODRIGUES FILHO, Mário. **Viagem em torno de Pelé**. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1963. p. 86.

¹⁹ Em diversas passagens Mario Filho indica que as pessoas referiam-se a Pelé como negrinho e pretinho. O autor descreve as cenas de maneira que estas palavras não ganham um contorno preconceituoso, fato que fica minimizado pela terminação “inho” que acaba criando um sentido de algo carinhoso.

0067 - José Carlos Mosko

problema uma alternativa seria utilizar os procedimentos metodológicos acadêmicos (notas explicativas, notas de rodapé, notas de indicação de fontes), o que iria levar a “poluição do texto”, dificultando o entendimento da história que está sendo narrada.

Ginzburg ao tratar desta questão mostra que as citações e indicação das fontes dão uma garantia maior de veracidade, pois permitem que o caminho seja reconstruído pelo leitor e indicam a origem das informações utilizadas para a construção do texto. Nos trabalhos acadêmicos, os momentos de incerteza são sinalizados por expressões mediadoras como “provavelmente”, “talvez”, “normalmente”, “freqüentemente”...²⁰

Em termos éticos o biógrafo tem um compromisso com a verdade, pois caso contrário estaria desrespeitando o seu leitor. É o que Lejeune vai chamar de “contrato de leitura”.²¹ Entretanto, percebe-se que os limites de compromisso não devem anular a imaginação do escritor, pois ele precisa transformar um simples acontecimento em algo emocionante e atrativo para o leitor, por isso, cabe ao escritor interpretar os fatos, ocultar as suas fontes, de maneira que consiga criar a forma estética desejada.

Por outro lado, este procedimento criou dificuldades para que se conseguisse perceber o que era meramente anedótico, o que era simbólico, o que era aleatório, o que era originário das fontes e o que era interpretação do autor. Enfim, o limite é muito tênue entre a ficção e o verossímil como possibilidade de representação.

Após os apontamentos sobre os trabalhos biográficos e autobiográficos com estilo literário, busca-se apresentar as principais características destas fontes quando abordadas de forma científica. Entretanto, é importante deixar claro que esta divisão não é algo fechado, existem diferenças latentes, que estão sendo apontadas entre os diferentes tipos de biografias, mas em determinados momentos as biografias literárias apresentam características científicas e as científicas apresentam características literárias, em alguns momentos apresentam contradições e em outros momentos elas se completam.

2) Biografia e Autobiografia Científica: este segundo grupo de trabalhos serviu para estabelecermos um contraponto nas possibilidades de escrita deste gênero. Os escritos presentes neste grupo são originários de exaustivas pesquisas sobre a vida do biografado, trabalha-se com documentação numerosa e variada, tais como: correspondência e/ou

²⁰ GINZBURG, Carlo. “Provas e possibilidades à margem de ‘Il ritorno de Martin Guerre’, de Natalie Zemon Davis”. In: _____ **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa, Difel, 1989b. p. 183.

²¹ LEJEUNE, Philippe. Op cit. p.4.

biblioteca particular, diário íntimo, memória ou tradição familiar, autobiografias, ego-história, diários, entrevistas orais, escritas ou vídeos, fotos, etc.

Esses estudos fazem uma análise crítica e contextualizada da vida dos biografados e a relação estabelecida com a sua produção acadêmica, a sociedade e os grupos que estavam à sua volta. Ainda apresentam uma visão crítica dos documentos, sempre preocupados em saber quem os produziu, em qual situação, com quais interesses. Preocupações que se tornam secundárias para a biografia literária.

A principal contribuição que Lejeune forneceu para o nosso estudo foi o alerta sobre a relação de proximidade que se estabelece entre o autor e o biografado. A qual pode ser implícita, indeterminada ou explícita como num ajuste de contas. Contudo, em todos os casos o eu se torna o outro. É este o pacto que esse estabelece nos textos literários de tipo autobiográfico, entre o narrador e o personagem narrado e que também pode ser transposto para o terreno da biografia²².

Trata-se, deste ponto de vista, de escritas de si, onde o indivíduo assume uma posição reflexiva em relação à sua história e a sociedade a qual ele se relaciona. Quando questionado sobre isto, Chartier se mostrou bastante cético, indicando que ele considera impossível ser sincero quando se cria uma representação sobre si mesmo:

Mas pessoalmente considero muito difícil evitar o anedótico ou o demasiado pessoal nesse tipo de relato. Como pensar em si, objetivando entender seu próprio destino social? Acho que é preciso primeiro situar-se dentro do mundo social e daí fazer um esforço de dissociação da personagem: a personagem que fala e a personagem sobre a qual se fala, que é o mesmo indivíduo.²³

Bourdieu ao escrever o seu esboço de auto-análise caminha nesta linha de raciocínio. Primeiramente porque o autor não concorda com a utilização da terminologia biografia ou autobiografia, que para ele representa um estilo ilusório de representação da realidade. Neste livro o autor vai destacar os principais momentos da sua vida intelectual que estão imbricados em sua trajetória pessoal, fatos que são narrados a partir de uma relação tensa entre indivíduo e sociedade, que é descrita a partir dos acontecimentos e não de uma disposição cronológica. Ao justificar a razão que o teria levado a escrever esta obra, Bourdieu relata que:

²² LEJEUNE, Philippe. Op cit. p. 78-91.

²³ LUSTOSA, Isabel. Conversa com Roger Chartier. Entrevista. Disponível em <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2479,1.shl>.

... para desencorajar as biografias e os biógrafos, como que revelando, por uma espécie de ponto de honra profissional, as informações que teria gostado de encontrar, quando tentava compreender os escritores ou os artistas do passado e tentando prolongar a análise reflexiva além das descobertas genéricas proporcionadas pela própria análise científica – sem com isso chegar a me sacrificar à tentação (muito poderosa) de desmentir ou de refutar as deformações e difamações, de enganar ou de surpreender.²⁴

O mais importante para Bourdieu é apresentar as relações de poderes presentes no campo intelectual em que ele estava inserido. Este tipo de análise é fundamental para o desenvolvimento de uma pesquisa biográfica.

Bourdieu destacou o processo tenso da sua convivência com intelectuais da Escola Normal Superior Francesa, que apresentavam *habitus* distintos dos seus. O autor retrata uma clara preocupação em mostrar as suas obras e o seu pensamento intelectual, dedicando os capítulos para auxiliar o leitor a perceber o processo de seu amadurecimento intelectual e a influência de outras áreas do conhecimento, destacando-se os seus trabalhos antropológicos. Todos os acontecimentos foram analisados de maneira reflexiva e a partir dos conceitos desenvolvidos pelo próprio autor, realizando sempre um esforço para manter-se distanciado da sua narrativa.

A utilização do método biográfico na sociologia do esporte vem, necessariamente, acompanhada de uma discussão mais ampla sobre a questão da singularidade de um indivíduo versus o contexto social em que se está inserido. Ferrarotti salienta que “cada vida pode ser vista com sendo, ao mesmo tempo, singular e universal, expressão da história pessoal e social, representativa de seu tempo, seu lugar, seu grupo, síntese da tensão entre a liberdade individual e o condicionamento dos contextos estruturais”.²⁵ Para Goldenberg, cada sujeito é uma síntese individualizada e ativa de uma sociedade, uma reapropriação singular do universo social e histórico que o envolve. Se cada indivíduo singulariza em seus atos a universalidade de uma estrutura social, é possível “ler uma sociedade através de uma biografia”, conhecer o social partindo-se da especificidade irredutível de uma vida individual.²⁶

Observa-se, ainda, que para trabalhar com a biografia e, especialmente, com um tema que envolve a paixão, a emoção e o drama de uma massa expectadora e torcedora, há

²⁴ BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. Trad. Sérgio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005g. p. 133.

²⁵ FERRAROTTI, Franco. **Histoire et Histoires de Vie: le méthode biographique dans les sciences sociales**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1990. p. 82.

²⁶ GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**, Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 36.

de se considerar alguns conceitos fundamentais²⁷, como: representação, imaginário e ficção.

A representação é a percepção de algo real. Isto é, quando lemos uma biografia, as informações contidas no texto podem ir além do que é observado de forma superficial, dependendo do contexto histórico-social apresentado pelo autor, sobre a conjuntura vivenciada pelo personagem de sua obra. Tal representação tem seu valor determinado pela forma com que é transmitida e por quem a transmite, no sentido do poder que este último possui de divulgar informações, que são consideradas como verdades. Diante disso, uma das propostas da História Cultural²⁸ seria interpretar a realidade de cada época, apresentada por meio das representações explicitadas pelos seus personagens.

As diversas representações constituídas pelos homens em cada época, para conferir sentido ao real, criam o imaginário. Há um lado do imaginário que se reporta à vida, mas outro que se remete ao sonho, e ambos os lados são construtores do que chamamos de real. Dessa forma o imaginário é capaz de substituir o real, como seu lado talvez ainda mais real. O imaginário é outro conceito importante para a análise das biografias, pois ele considera aquilo que o personagem viveu efetivamente e aquilo que ele criou como parte integrante da sua história, a partir de algum acontecimento fictício.

A ficção é mais um conceito apresentado pela História Cultural. Com a exclusão das verdades absolutas, uma narrativa literária pode ser entendida de diversas formas, conforme a característica pessoal e cultural de cada autor, bem como de cada leitor. As análises das biografias referentes ao esporte – objeto de estudo que transita entre a razão e a emoção – exigem que se considere também este conceito, afinal, ele, muitas vezes, explica vários acontecimentos do mundo esportivo e do mundo social.

Conceitos como imaginário, representação e ficção, bem como a produção e a recepção de um determinado discurso, fornecem subsídios para que se possa reformular a compreensão da política de uma determinada conjuntura.

Para superar a maneira tradicional com que o esporte foi visto pelas ciências sociais até pouco tempo atrás, há de se observar as relações e os fatos ocultos em uma visão superficial da realidade apresentada, buscando identificar, em cada narrativa,

²⁷ PESAVENTO, Sandra (Org.) et al. **História Cultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

²⁸ Sobre História Cultural, ver ainda: BURKE, Peter. **O que é História Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

elementos que possam questionar essa mesma realidade. Uma das formas para se realizar essa investigação é a que se utiliza de fontes biográficas.

A escolha das fontes biográficas é uma opção de estudo a partir da perspectiva do olhar de autores (memorialistas, jornalistas, ex-atletas, dirigentes, entre outros), que procuram contribuir com a história do esporte, cada um em sua respectiva época, relatando a vida de personagens que foram destaques em suas trajetórias.

Pela estrutura dos livros é difícil precisar quando a escrita é do autor e quando é uma transcrição de dados originários das suas fontes de informação, o que leva a crer que essa não é uma preocupação metodológica dos autores, pois, uma das possíveis soluções para tal problema, seria utilizar os procedimentos metodológicos acadêmicos (notas explicativas, notas de rodapé, notas de indicação de fontes). Entretanto, isso acarretaria a “poluição do texto”, dificultando o entendimento da história narrada.

Sabe-se da complexidade de se constituir uma metodologia capaz de trabalhar com essa documentação – permeada de subjetividade – no intuito de se alcançar resultados relevantes, do ponto de vista da construção do conhecimento científico. Porém, não se pode negar a singularidade nem as perspectivas positivas do trabalho com esse tipo de documentação, pois, como salienta Ribeiro:

Assim, apenas como exemplo, conhecer o futebol brasileiro dos anos 50/70, exige um estudo biográfico renovado de personagens como Garrincha ou Pelé ou, de outra forma, estudar como se dava a formação de jogadores à época. Do mesmo modo, conhecer a experiência da *democracia corinthiana*, do início dos anos 80, exige igualmente uma análise da conjuntura política, da estrutura organizativa do clube, bem como da postura individual de jogadores como Sócrates, Wladimir ou Afonsinho. Esse exercício com certeza nos coloca perante um outro tipo de problema, paradoxal em nossa análise. Ou seja, estaremos diante da necessidade de trabalharmos com uma documentação primária eivada de subjetividades. Como já destacamos, [...] trata-se de um material que, pela sua subjetividade, pelo envolvimento emocional e autonomia dos autores, manifesta-se descompromissado com a realidade, mas, paradoxalmente, **encontra-se aí a sua riqueza**.²⁹

Nessa “nova” forma de abordar os acontecimentos sociais, a verdade passa a ser vista como algo subjetivo, pois ela é uma representação do narrador. Isso permite dizer que não existe uma verdade absoluta, mas agentes que dispõem de um determinado capital simbólico, o que lhes possibilita fazer com que a sua narrativa seja aceita em diferentes

²⁹ RIBEIRO, Luiz Carlos. **O futebol no campo afetivo da História**. Movimento, Porto Alegre, v. 10, p. 99-111, 2004. p. 104.

campos sociais, e muitas vezes reproduzida, até que ela se cristalize no imaginário coletivo. Como indica Chartier:

A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele. A representação envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão. As representações dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando a reflexão³⁰.

A força da representação não se dá pelo seu valor de verdade, ou seja, pela correspondência dos discursos com o real. Tal pressuposto implica eliminar do campo de análise o entendimento entre o real e o não real, uma vez que a primeira tem a capacidade de substituir a realidade retratada. Sendo assim, essas representações significam múltiplas configurações, isto é, pode-se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variada, pelos diferentes grupos sociais.

O conceito de representação possibilita realizar uma mediação entre o pensamento individual e o coletivo, permitindo aproximar dimensões que anteriormente foram tratadas de forma independente. Esses discursos devem ser vistos como estratégias que acabam por justificar as escolhas e as condutas dos agentes e seus correspondentes grupos. Nesse sentido, torna-se legítimo pensar a História Cultural a partir da compreensão das formas e motivos (representações) revelados pelos atores sociais, os quais traduzem as suas posições e os seus interesses, além de descreverem a sociedade tal como eles acreditavam que era e/ou como gostariam que fosse.

Na História Cultural, o imaginário se torna um conceito central na análise da realidade, a fim de compreender o acontecido, o suposto, o desejado, o temido. Mas, para atingir essas sensibilidades, é preciso que elas tenham deixado uma marca (escrita, falada, imagética), ou material que o pesquisador possa acessar. Há um lado do imaginário que se reporta à vida, mas outro que se remete ao sonho, e ambos os lados são construtores do que chamamos de real. Dessa forma, o imaginário muitas vezes é capaz de substituir o real, originando os “mitos”. No caso do esporte esses “mitos” são atletas de sucesso, que constroem uma história esportiva relevante, ao ponto de serem escolhidos para terem suas trajetórias descritas em biografias.

O esporte, considerado um campo de relações e disputas sociais, possui vários agentes ou atores sociais, que, de forma direta, colaboram com a construção de sua

³⁰ CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990. p. 8.

0067 - José Carlos Mosko

história. A necessidade de se observar o fenômeno esportivo a partir dos diversos elementos que o constituem, a fim de criar um ambiente favorável à sua compreensão, leva à busca de novas opções de fontes de pesquisa que possam contribuir com a construção do conhecimento científico em torno desse objeto de estudo.

Diante da realidade apresentada sobre os diversos momentos vividos pelo esporte, observa-se que ao estudar as obras que discorrem sobre a vida dos principais personagens que fizeram e fazem parte deste cenário, torna-se fundamental considerar as características de cada momento como parâmetro importante na compreensão de como os autores captam e apresentam o contexto da época vivida por seu biografado e como se envolvem com seu objeto de estudo. Parece-nos que, ao conseguir realizar tal tarefa, o pesquisador estará caminhando de forma adequada em sua investigação e utilizando-se de uma interessante fonte de pesquisa para compreender esse fenômeno espetacular, o esporte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Fátima. **Nelson Rodrigues e a emancipação do homem brasileiro**. In: COSTA, Márcia Regina et al. *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999.

BORGES, Vavy Pacheco. **Grandezas e misérias da biografia**. In: PINSKY, Carla Bassanezy (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

_____. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **A ilusão biográfica**. In: FERREIRA, Marieta De Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. Companhia das Letras: São Paulo, 1992.

_____. **Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha**. Companhia das Letras: São Paulo, 1995.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1985.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizacional**. 2º vol. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

_____. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Envolvimento e Alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1999.

FERRAROTTI, Franco. **Histoire et Histoires de Vie: le méthode biographique dans les sciences sociales**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1990.

GINZBURG, Carlo. "Provas e possibilidades à margem de 'Il ritorno de Martin Guerre', de Natalie Zemon Davis". In: _____ **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa, Difel, 1989b. p. 183.

_____. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais,** Rio de Janeiro: Record, 1997.

HISTÓRIA: Questões e Debates. **Esporte e Sociedade.** Ano 20, n. 39. Curitiba. Ed UFPR, 2003.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique.** Paris: Seuil, 1975.

LEVI, Giovanni. **Usos da biografia.** In: FERREIRA, Marieta De Moraes; AMADO, Janaína (Org.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LUSTOSA, Isabel. Conversa com Roger Chartier. Entrevista. Disponível em <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2479,1.shl>.

MALCOLM, Janet. **A mulher calada:** Ted Hughes e os limites da biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.183.

MAYRINK, Geraldo. **O sucesso de vendas das biografias.** In: Revista Veja: São Paulo, 1995.

PESAVENTO, Sandra (Org.) et al. **História Cultural: experiências de pesquisa.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

RIBEIRO, Luiz Carlos. **O futebol no campo afetivo da História.** Movimento, Porto Alegre, v. 10, p. 99-111, 2004.

_____. **Norbert Elias e a História Cultural.** In: CARVALHO, Alonso Bezerra de; BRANDÃO, Carlos da Fonseca (Org.). Introdução à sociologia: Max Weber e Norbert Elias. São Paulo: Avercamp, 2005, v. 1, p. 89-104.

_____. **Possibilidades teóricas para uma história do futebol.** In: 1º Congresso de Humanidades. Curitiba: Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes/UFPR, 2000. v. 1. p. 106.

RODRIGUES FILHO, Mário. **Viagem em torno de Pelé.** Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1963.

SANTOS, Nilton. **Minha bola, minha vida.** Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Uma reflexão sobre o gênero biográfico:** a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945). Porto Alegre, Dissertação de mestrado em História - UFRGS, 1996.

SILVA, Valdete Nunes. **Limites entre o real e o ficcional: uma leitura de *douleur exquise*, de Sophie Calle.** Disponível em http://www.fbpf.org.br/cd2/liste_des_auteurs/s/valdete_nunes_silva.pdf